



Memória Cultural e Ancestralidade em *A Chave de Casa*, de Tatiana Salem Levy

Tanira Rodrigues Soares¹

Resumo: O artigo enfoca a presença da memória cultural e da ancestralidade no romance *A chave de casa*, de Tatiana Salem Levy, sendo uma investigação que aborda os parâmetros conceituais da memória cultural e da ancestralidade, e consideram-se os estudos Maurice Halbwachs (2006), Aleida Assmann (2011; 2011a), Jan Assmann (1995; 2008), Eduardo David de Oliveira (2005), entre outros. A escolha do romance está diretamente relacionada ao interesse da pesquisadora pelos estudos que entrelaçam memória e literatura. O romance apresentado se sustenta enquanto representativo da literatura brasileira contemporânea, em face do emprego da memória como fio condutor na busca pelo melhor entendimento do passado, tendo como característica uma procura pelas origens que remete à ancestralidade e à memória cultural, que atua como responsáveis pelo retorno a esse tempo pretérito, bem como para sua ressignificação no presente.

Palavras-chave: Literatura; Memória Cultural; Ancestralidade.

Cultural memory and ancestry in *A Chave de Casa*, by Tatiana Salem Levy

Abstract: The article focuses on the presence of cultural memory and ancestry in the novel *A chave de casa*, by Tatiana Salem Levy, being an investigation that addresses the conceptual parameters of cultural memory and ancestry, and consider the studies Maurice Halbwachs (2006), Aleida Assmann (2011; 2011a), Jan Assmann (1995; 2008), Eduardo David de Oliveira (2005), among others. The choice of the novel is directly related to the researcher's interest in the studies that interweave memory and literature. The novel presented is sustained as representative of contemporary Brazilian literature, in view of the use of memory as a guiding thread in the search for a better understanding of the past, having as characteristic a search for the origins that refers to the ancestry and cultural memory, which acts as responsible for the return to that past time, as well as for its ressignification in the present.

Keywords: Literature; Cultural memory; Ancestry.

Introdução

A ancestralidade é um tempo difuso e um espaço diluído. Evanescente, contém dobras. Labirintos se desdobram no seu interior e os corredores se abrem para o grande vão da memória. A memória é precisamente os fios que compõem a estampa da existência (OLIVEIRA, 2005, p. 11).

Memória é vida, fragmentos, particularidades, trata-se de uma ação motivada no presente e que permite reconstruir peculiaridades de um passado, uma percepção sobre um tempo e um espaço pretéritos,

¹ Doutora e Mestre em Memória Social e Bens Culturais (Unilasalle), Especialista em Literatura Brasileira pela UFRGS, Especialista em História e Geografia (URI), Graduada em História - Licenciatura (PUCRS). Servidora pública da UFRGS. E-mail: tanira_soares@yahoo.com.br

é afetiva e sensível aos interesses individuais e/ou coletivos, é uma construção em permanente processo de reelaboração e/ou transformação, e associada ao esquecimento. Com base nisso, pode-se dizer que a memória se configura num elemento presente nas sociedades, uma vez que, por seu intermédio, podem ser transmitidas informações, tradições, manifestações culturais, ritos, entre outros, de geração a geração.

O estudo da memória tem relação direta com a ancestralidade, uma vez que a memória não envolve somente a esfera do individual, do subjetivo, mas também a dimensão coletiva e a comunicativa, além dos elementos integrantes da cultura² e da tradição³. Portanto, parte-se do indivíduo inserido na contemporaneidade e em busca de informações sobre seu passado, de modo a dialogar com sua formação e constituição enquanto sujeito social e cultural, integrante de um contexto cultural responsável por delinear aspectos identitários e o sentimento de pertencimento.

Nessa perspectiva, a interioridade, a anterioridade e a ancestralidade estão em diálogo constante, pois, como assegura Aleida Assmann (2011, p. 109), “[...] a constituição do eu é a resultante de um ato produtivo e contínuo de aquisição de experiências passadas e possibilidades futuras”. A interioridade articulada pelo indivíduo busca encontrar um equilíbrio entre a memória do passado (anterioridade e/ou ancestralidade), a memória da ação (presente) e a memória de uma espera (futuro), conforme se pode verificar no romance em estudo.

Peculiaridades da literatura brasileira contemporânea

A literatura brasileira contemporânea não apresenta uma classificação ou uma tendência definida por diretrizes ou padrões, ela se insere na heterogeneidade e na diversidade características do viver contemporâneo.

Considerando os estudos de Karl Erik Schøllhammer (2011), Beatriz Resende (2008), Helena Bonito Pereira (2011), Regina Dalcastagné e Virgínia Maria Vasconcelos Leal (2015), entre outros, é possível perceber que não existe consenso de enquadramento teórico sobre a literatura brasileira contemporânea, ou o desenvolvimento de uma escola literária que determine as formas de produção. Os estudiosos destacam que a literatura produzida não é hegemônica e/ou homogênea, pois engloba em seu fazer múltiplas peculiaridades que podem retomar algumas características do passado, como outras que se reinventam enquanto produções.

Em alguns enredos contemporâneos, que tendem à utilização da memória como fio condutor da narrativa, é possível identificar que não estão presos à linearidade e à cronologia dos fatos e acontecimentos. As situações são apresentadas como fluxos de memória, cabendo aos leitores a tarefa de articular as informações de forma a priorizar o entendimento e a compreensão do texto literário. Percebe-se que a

2 Entende-se por Cultura “[...] todas as manifestações da vida de uma comunidade: língua, crenças, usos e costumes, indumentária, técnicas e, em suma, tudo que nela se pratica, evita, respeita e abomina” (VARGAS LLOSA, 2013, p. 31).

3 Tradição aqui está diretamente relacionada à memória e à transmissão e, de acordo com Mário Cezar Silva Leite (2017, p. 297-298), “[...] a tradição só pode funcionar, existir, sobre-existir, no paradigma da linha temporal linear e num pressuposto de passado coerente e garantido pela memória. Para Zumthor, é a memória do grupo que sustenta e assegura a coerência de um sujeito na apropriação de sua duração: ela gera a perspectiva em que se ordena uma existência e, nessa medida, permite que se mantenha a vida. Desse modo, ela evidentemente cria a história, ata o liame social consequentemente conferindo continuidade aos comportamentos que constituem uma cultura”.

escolha do narrador em revisitar o passado familiar está diretamente ligada à subjetividade, permitindo que a partir do presente se estabeleçam visões de um passado que remete a (re)construções fragmentadas, promovendo identificação ou rompimento com a herança familiar. Essa subjetividade se insere no que Beatriz Sarlo (2007) denominou de “guinada subjetiva”, isto é,

A ideia de entender o passado a partir de sua lógica [...] emaranha-se com a certeza de que isso, em primeiro lugar, é absolutamente possível, o que ameniza a complexidade do que se deseja reconstruir; e, em segundo lugar, de que isso se alcança quando nos colocamos na perspectiva de um sujeito e reconhecemos que a subjetividade tem um lugar, apresentado com recursos que, em muitos casos, vêm daquilo que, desde meados do século XIX, a literatura experimentou como primeira pessoa do relato e discurso indireto livre: modos de subjetivação do narrado (SARLO, 2007, p. 18).

Neste fluxo narrativo, a memória vai intermediar as lembranças e esquecimentos que compõem o enredo, no entanto cabe ao narrador a característica marcante de intercalar presente, passado e futuro sem nenhuma preocupação em situar o leitor e apresentar os detalhes de contextos inerentes aos fatos ocorridos e que estão sendo narrados. Assim sendo, não se pode deixar de considerar que este passado será (re)elaborado a partir do interesse de quem narra e as revelações só serão permitidas quando o narrador assim decidir, portanto nota-se a presença de uma intencionalidade em revelar ou esconder, tudo depende do interesse do narrador. Considerando-se que

O espaço da ficção, hoje, é tão ou mais traiçoeiro que o da realidade. Não há intenção de consolar ninguém, tampouco, de estabelecer verdades definitivas ou lições de vida. Reafirmam-se, no texto, a imprevisibilidade do mundo e as artimanhas do discurso (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 93).

Ao empreender a busca por um passado capaz de estabelecer ligações com o presente, os narradores não se descuidam desse presente, pois é a partir dele e de suas incertezas que o tempo pretérito será revisitado, apresentando como características a descontinuidade e a imprevisibilidade celebrada por alguns romances brasileiros contemporâneos, evidenciadas na busca por informações relativas aos antepassados, tais como pais, avós, bisavós ou até mesmo um ancestral mítico.

É importante salientar que o romance escolhido representa uma amostragem e que as características presentes no enredo evidenciam a memória como fator preponderante, cujo retorno às origens reveste-se de significado para a narradora como forma de entendimento do presente. Essa escavação arqueológica do passado possibilita que se constate a emergência de uma narrativa em que a narradora/protagonista se insere e se sente como produto oriundo desse cenário, cujas transformações foram responsáveis por delinear o momento atual de sua existência. Essa tendência apresentada a partir do romance *A chave de Casa* (2013) também pode ser identificada, considerando as especificidades de cada narrativa, em outras produções da literatura brasileira contemporânea escrita por mulheres⁴, dentre elas, mencionam-se *A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas*, de Maria José Silveira (2002); *Com armas sonolentas: um romance de formação*, de Carola Saavedra (2018), *Meus desacontecimentos – A história da minha vida com as palavras*, de Eliane Brum (2014); *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo (2015); *Por que sou gorda, mamãe?*, de Cíntia Moscovich (2006); *Uma ponte para Terebin*, de Letícia Wierzchowski (2006); *Mar azul*, de Paloma Vidal (2012), *Azul corvo*, de Adriana Lisboa (2014), entre outras.

4 Ressalta-se que essa característica de ter a memória como fio condutor da narrativa também pode ser observada em produções masculinas na literatura brasileira contemporânea, como por exemplo, em *Diário da Queda*, de Michel Laub (SOARES, 2020).

Memória Cultural e Ancestralidade

Maurice Halbwachs (2006) menciona que cada sociedade recorta o espaço a fim de constituir um contexto fixo e, dessa forma, reencontra suas lembranças; o autor enfatiza o quanto o espaço torna-se um lugar imóvel para ser acionado pela memória e, conseqüentemente, servir como sustentação para diferenciar as atitudes e posicionamentos através do tempo, pois “[...] a imagem do espaço que, em função de sua estabilidade, nos dá a ilusão de não mudar pelo tempo afora e encontrar o passado no presente” (HALBWACHS, 2006, p. 189), gerando, assim, a sensação de estabilidade do espaço e tempo.

Cada ser humano dialoga com diversos grupos que integram seu contexto e passa a estabelecer certas linhas de fronteiras que irão definir os princípios de pertencimento ou exclusão, de aproximação ou distanciamento, de identificação ou repulsa, ou seja, o indivíduo irá negociar a presença do “eu” e do “nós” em diversos contextos sociais e culturais. A esse respeito, Aleida Assmann (2011) sustenta que o “eu”, primeira pessoa do singular, não vive sozinho, ao contrário, o “eu” incorpora as diversas formas do “nós”, primeira pessoa do plural, pois integra diferentes grupos que adotam determinados posicionamentos e estabelece valores, experiências, narrativas e compartilhamento de memórias, uma vez que “A família, a vizinhança (bairro), o grupo de pares, a geração, a nação, a cultura são grandes grupos aos quais os indivíduos se referem como ‘nós’” (ASSMANN, 2011a, p. 223).

Estas diversas formas do “nós” estão relacionadas à memória coletiva, trabalhada por Maurice Halbwachs (2006) e enfocada, em nova abordagem, pelos estudiosos Aleida Assmann (2011; 2011a) e Jan Assmann (1995; 2008) sob o prisma das tradições, transmissões e transferências, resultando em um outro desdobramento denominado memória cultural.

Cabe também mencionar que a memória coletiva, a familiar e a geracional são corporificadas, assim como a memória comunicativa, isto é, as pessoas e/ou grupos compartilham valores, crenças, hábitos, atitudes e testemunham eventos diretamente relacionados aos acontecimentos que vivenciaram ou presenciaram. Ocorre uma comunhão em torno do compartilhamento das informações, pois os indivíduos se sentem parte integrante, são elementos atuantes na busca por informações relativas ao passado.

Diferente das memórias que são corporificadas, as memórias política⁵ e cultural são mediadas, precisam de suportes duráveis e se utilizam de signos externos e representações materiais, tais como bibliotecas, museus, monumentos, artes e outras formas de armazenamento disponíveis na sociedade contemporânea; ultrapassando a esfera do individual e do coletivo (ASSMANN, 2011a).

Para Jan Assmann (1995; 2008), a memória cultural extrapola o grupo de convivência ao englobar em sua constituição o armazenamento de informações que perduram por séculos, sendo que, nesse caso, os portadores de memória cultural não são os seres vivos, mas os objetos, monumentos, documentos, símbolos, artes e demais expressões que podem atravessar longos períodos de tempo e carregar consigo valiosos significados.

5 A memória política é abordada por Aleida Assmann (2011a) ao enfatizar que “[...] uma memória política é necessariamente uma memória mediada. Residem, em meios materiais, símbolos e práticas que devem ser enxertados nos corações e mentes dos indivíduos. À medida que eles se apoiam depende da eficiência da pedagogia política, por um lado, e do nível de fervor patriótico ou ético, por outro” (p. 216). Todas as traduções apresentadas no artigo foram realizadas pela própria autora.

O conceito de memória cultural compreende o conjunto de textos, imagens e rituais específicos reutilizáveis de cada sociedade em cada época, cujo 'cultivo' serve para estabilizar e transmitir a auto-imagem da sociedade. Sobre esse conhecimento coletivo, na maior parte (mas não exclusivamente) do passado, cada grupo baseia sua consciência de unidade e particularidade (ASSMANN, 1995, p. 132 -133).

Depende de cada cultura e das especificidades de sua época e local o conteúdo desse conhecimento que permeia a memória cultural, assim como varia a maneira pela qual esses conteúdos são organizados em suas mídias e instituições. Em algumas sociedades, a intensidade vinculativa e a reflexiva do conteúdo da memória cultural podem se manifestar em diferentes conjuntos de valores, uma vez que uma dada sociedade pode priorizar o cânone das escrituras sagradas, outra nas cerimônias ritualísticas de iniciação e permanência, e algumas outras em cânones ligados à arquitetura e às manifestações artísticas em obras de arte.

Jan Assmann (2008) salienta que na memória cultural existe um horizonte com um ponto fixo que representa determinado acontecimento marcante e significativo pertencente ao grupo e cuja memória é mantida através da formação cultural, constante de textos, ritos, monumentos, entre outros, e na comunicação institucional tais como recitais, práticas ritualísticas, cerimônias, textos mediados, ícones, danças e/ou performances. A memória cultural alimenta-se da tradição e da comunicação, englobando em sua estrutura conflitos e rupturas, inovações e restaurações, revoluções e manutenções, enfim, transformações que podem reafirmar fatores ligados à tradição ou contestá-los, tudo depende dos interesses estipulados no presente com o objetivo de revisitar esse passado das origens.

A memória cultural, em sua complexidade, inclui obras de arte que permitem interpretações diversificadas, exige reavaliações e reinterpretções contínuas pelos indivíduos. Seu conteúdo privilegia formas individuais de participação tais como leitura, escrita, aprendizagem, escrutínio, crítica e apreciação, e atrai os indivíduos para um horizonte histórico mais amplo, não apenas transgeracional, mas também transnacional (ASSMANN, 2011).

Ao reafirmar a importância dessas variáveis no papel da herança cultural, Jan Assmann (1995, p. 133) enfatiza que é por meio delas que uma sociedade e/ou grupo irá tornar-se visível para si e para os outros. "Que passado torna-se evidente nessa herança e que valores emergem em sua apropriação identitária nos diz muito sobre a constituição e as tendências de uma sociedade".

A relação estabelecida com a memória cultural integra o processo identitário dos indivíduos, vindo a resultar numa dinâmica de produção e de contínuas aprendizagens no que diz respeito ao passado (ancestralidade), permitindo que o indivíduo possa se constituir e se consolidar enquanto vivencia o presente e projeta um futuro.

Cabe ressaltar que ancestralidade e anterioridade são conceitos epistêmicos e que envolvem uma fronteira permeável e de permanente negociação, na qual os indivíduos não estão sozinhos no momento da constituição de suas subjetividades e identidades e tampouco solitários no armazenamento de informações e conhecimentos presentes em toda a imensidão da memória humana. Dessa forma, é importante destacar que a anterioridade, tem ligação com uma ascendência direta que envolve a comunicação oral entre os membros do grupo e/ou sociedade, isto quer dizer que anterioridade está relacionada à memória coletiva, à familiar e à geracional. Os indivíduos partilham seus inúmeros contextos de convivência de memórias,

de forma a oportunizar o estabelecimento de laços de afetividade, de pertencimento e de reconhecimento. “A sucessão de lembranças, mesmo as mais pessoais, sempre se explica pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos ambientes coletivos” (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Evidencia-se que a anterioridade e a ancestralidade, em algumas vezes, são utilizadas como sinônimos, pois sua episteme remonta ao que é anterior, e não há necessidade de haver uma separação estanque e delimitada em se tratando de abrangência de tempo e espaço. Para fins desse estudo, considera-se o uso como sinônimo, mas acrescenta-se a noção de que a anterioridade está relacionada a uma certa proximidade com o tempo pretérito, ao passo que a ancestralidade está mais ligada aos aspectos culturais e à tradição de uma sociedade e/ou grupo, remetendo a um tempo bem mais antigo e mítico.

Entende-se por anterioridade uma “[...] qualidade, estado ou condição de anterior, isto é, precedência em tempo, ordem e posição” e tem relação com a palavra anterior que deriva do latim *anterior*, *ōris* (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 144). Nesse contexto, a anterioridade está ligada ao modo de como a narradora, a partir da subjetividade, busca no passado alguns fatos, acontecimentos ou personagens, enfim, informações pertinentes à memória para expor episódios ligados à sua ascendência geracional. A anterioridade pode servir como um guia a iluminar o passado, considerando-se a necessidade de reconstruir aspectos familiares que se caracterizam como importantes no delineamento de seus processos identitários.

Já a palavra ancestralidade deriva de *antecessor*, *ōris* do latim (HOUAISS; VILLAR, 2009, p. 128), bem como se refere ao legado dos antepassados, que ultrapassa a geração dos avós e parentes mais próximos e envolve um ancestral mítico, uma personalidade que está em conexão com os fundamentos originários de um povo ou sociedade.

A ancestralidade é o movimento que articula as esferas que tradicionalmente têm sido entendidas como separadas, provocando uma re-ligação desses elementos que aparecem semioticamente separados, quando, em verdade, estão ontologicamente unidos. A ancestralidade converte-se, assim, numa ontologia do mistério revivido no corpo (OLIVEIRA, 2005, p. 44-45).

A ancestralidade tem vínculo com a memória cultural, uma vez que esse tipo de manifestação ultrapassa as gerações e circula na esfera da cultura dos povos e/ou sociedade, podendo ser transmitida sem interrupções significativas ou sofrer colapsos de esquecimento e apagamento, mas que pode ressurgir como estratégia de agregação e pertencimento. A ancestralidade está ligada ao que Jan Assmann (1995) denominou de “ilhas do tempo”⁶, isto é, pontos fixos do passado que são revisitados no presente e apresentados em formatos de rituais, obras de artes, poemas, imagens, textos, enfim, aspectos culturais materializados e armazenados no decorrer do tempo, atuando como elemento propulsor e desencadeador de identificação e de pertencimento.

Cabe apontar que a ancestralidade não envolve apenas a relação consanguínea de parentesco, ao contrário, em sua constituição, engloba as práticas e representações, princípios e valores, signos, símbolos e significações, enfim, elementos associados à cultura e à tradição, abrangendo o conceito de memória cultural, pois ultrapassam o tempo cronológico do vivido e ingressam no tempo mítico, do início de tudo, das origens.

⁶ No fluxo das comunicações cotidianas, festivais, ritos, épicos, poemas, imagens, etc., formam “ilhas do tempo”, ilhas de uma temporalidade completamente diferente, sustentada pelo tempo. Na memória cultural, tais ilhas do tempo expandem-se em espaços de memória da “contemplatividade retrospectiva” (J.ASSMANN, 1995, p. 129).

Entrelaçando Memória Cultural e Ancestralidade em *A chave de casa*

O romance *A chave de casa*, de Tatiana Salem Levy, é composto por 109 fragmentos ou capítulos, não identificados como tal, que não apresentam uma linearidade em sua estruturação, ao contrário, evidenciam uma desordem que adquire sentido na medida em que o leitor avança na trama narrada. A narradora, sem nome e sem idade definida, decide escrever para libertar seu corpo de um aprisionamento e, com isso, realiza um processo de retorno ao passado que envolve informações relacionadas à migração de seu avô materno, uma ligação intensa com a mãe, mesmo depois de morta, um relacionamento amoroso tumultuado e uma investigação familiar de ancestralidade; após receber do avô uma chave, levanta da cama que a aprisiona e busca respostas no passado para sua inércia no presente.

Em *A chave de casa*, a narradora expressa sua interioridade ao fazer a viagem em busca dos parentes e das origens, embora o constante questionamento sobre a necessidade de conhecer a história familiar e, como consequência, o conhecimento de si mesma e a aceitação de sua condição de herdeira. A luta entre o medo, a inércia e a falta de perspectiva está presente na personagem, conferindo-lhe uma interioridade carregada de negativismo, contrapondo-se ao otimismo e vontade de transpor barreiras de sua mãe, como se pode observar no diálogo ficcional entre ambas: “Quero apenas que tente enxergar as coisas como elas são, que acredite nessa viagem, que acredite que pode e merece ser feliz” (LEVY, 2013, p. 123).

Na viagem que realiza à Turquia, a narradora, após ter visitado uma mesquita, se depara com um canto de chamamento para as orações.

O canto continua, prolonga-se ainda umas quatro vezes, ecoando de maneira inesperada em alguma parte arcaica do meu corpo, alguma memória que ignoro. A voz – um gemido, uma lamúria – se expande por toda a cidade até cessar. Istambul parece então morta, e sinto que há em mim algo muito antigo que começa a renascer (LEVY, 2013, p. 54).

Já os fatores relacionados à ancestralidade e/ou anterioridade podem ser observados nas passagens em que a narradora se autodenomina portadora de uma herança carregada de sofrimentos e silêncios. “Você confirma então que se trata de uma herança? Que herdei da família todas as dores? Que belo presente!” (LEVY, 2013, p. 123). Ela luta para livrar-se desse peso que carrega nas costas, como a vergar todo o seu tronco, porém somente quando inicia a contar a história do avô materno, intercalada com a história de vida dos pais, especialmente da mãe, e os momentos derradeiros do adeus, consegue encontrar uma identificação com as origens familiares e, ao mesmo tempo, permite-se sonhar com um futuro de esperança e de amor.

Embora a narradora/protagonista de *A chave de casa* seja uma judia de origem, neta de um turco judeu, as migrações da família desenvolveram um distanciamento com relação aos aspectos culturais desse povo como, por exemplo, a ausência da língua ladina, em contrapartida, os elementos culturais relacionados com a alimentação foram preservados e transmitidos.

Todos me olhando com ar de recriminação, como se tivesse cometido uma falta grave, se não mortal. Eu acuada, ouvindo-os, inconformados, falar entre si na língua que não falo. [...]. Meu avô precisou esquecer o passado e por isso nunca falou ladino com minha mãe. Um verdadeiro judeu não esquece o passado, retrucou, firme o Raphael avô. Talvez meu avô não fosse um verdadeiro judeu, pensei, sem dizer nada. [...]. Apesar desse incidente inicial, aos poucos fui percebendo afinidades entre nós. Quando disse que em casa fazíamos aquela mesma comida, o Raphael avô se soltou um pouco, sorriu pela primeira vez, feito pensasse que o passado não está só na língua (LEVY, 2013, p. 147-148).

Com essa passagem, fica ilustrado que a identidade cultural⁷ não está cristalizada em sua estruturação, ao contrário, encontra-se em processo de transformação e está aberta às interconexões de identidade, memória e tempo, ensejando que novas ressignificações sejam realizadas, caracterizando as transformações do processo identitário.

Verifica-se uma necessidade de encontrar no passado, na ancestralidade, motivações e significações para reorganizar o presente. Joël Candau (2014, p. 61) enfatiza que “através da memória o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas interações a esse respeito, estrutura-o e coloca-o em ordem (tanto no tempo como no espaço) conferindo-lhe sentido”.

A narradora/protagonista se autodenomina exilada, pois assim como seus antepassados tiveram de migrar para sobreviver, ela também relata, por motivos existenciais, a mobilidade que impera em sua estrutura como pessoa e a necessidade de percorrer o trajeto realizado pelos familiares para compreender-se enquanto indivíduo.

Nasci no exílio. Em Portugal, de onde séculos antes a minha família havia sido expulsa por ser judia. Em Portugal, que acolheu meus pais, expulsos do Brasil por serem comunistas. Demos a volta, fechamos o ciclo: de Portugal para a Turquia, da Turquia para o Brasil, do Brasil novamente para Portugal. Não teria sido menos penoso, menos amargo, se não tivéssemos sido obrigados a fazer esse longo percurso? Por que tivemos de sair de um lugar para voltar a ele? (LEVY, 2013, p. 24).

Sua caracterização como estrangeira, por suas próprias palavras, torna possível identificar que a narradora escolheu, por questões afetivas, o país de origem de seus pais, o Brasil. Ao se questionar a respeito do percurso realizado pela família, aponta: “*Nasci fora do meu país*” (LEVY, 2013, p. 24). De acordo com sua narrativa, nasceu em Lisboa (Portugal), pois os pais lá residiam e, portanto, poderia escolher entre uma identificação com o local de origem do núcleo familiar relacionado a pai e mãe (Rio de Janeiro - Brasil), o local de nascimento (Lisboa – Portugal) ou o que remete às origens do avô materno (Esmirna – Turquia), sendo que as origens familiares remontam à Turquia e a Portugal.

O sentimento relativo ao Brasil é mais forte e, com a realização da viagem à Turquia e Portugal, acaba por sentir-se estrangeira, o que acarreta em modificação gradativa desse sentimento, fazendo com que esteja interligada aos aspectos da cultura turca e portuguesa.

No que se refere aos judeus, observamos que as necessidades estão sempre relacionadas à reprodução da memória cultural, uma vez que esse grupo se constitui enquanto comunidade diaspórica, forçada a ocupar territórios que fragilizam a manutenção de suas tradições e seu livre progresso. Marcados pelo não pertencimento, por constantes e diferentes deslocamentos geográficos, os judeus assumiram, desde seu primeiro êxodo, o compromisso com a memória das tradições, das práticas culturais, das línguas que representam suas origens (o hebraico e o ídiche) e de histórias orais transmitidas no seio das famílias, passadas de geração em geração com o peso da herança familiar e patrimônio imaterial (BERND, DUARTE, 2018, p. 42).

7 “Fala-se em identidade cultural quando se quer referir a grupos que não se apoiam em um Estado-Nação, mas que reivindicam a pertença a uma cultura comum. Nesse caso, não se mobiliza a referência geográfica, e a tendência desses movimentos é ser transnacional, baseando-se em categorias tão diversas como raça, etnia, gênero, religião. Todavia, também nesse caso, trata-se de determinar um patrimônio comum e difundi-lo. Isso implica na revisão histórica e no questionamento da cultura hegemônica, que não os incluiu, na busca de antepassados, na criação de uma linhagem, na escolha de símbolos” (FIGUEIREDO; NORONHA, 2005, p. 200).

Ser judeu pressupõe carregar consigo inúmeros conhecimentos que foram sendo acumulados e transmitidos de geração a geração, pois no início, quando o povo judeu desenvolveu e construiu essa identidade, oportunizou que, com o passar dos anos e até mesmo dos séculos, a origem, o surgimento dessa linhagem tivesse características únicas e vínculos de irmandade capazes de ultrapassar as barreiras do tempo. Embora a narradora/protagonista de *A chave de casa* seja uma judia de origem, neta de um turco judeu, as migrações da família desenvolveram um distanciamento com relação aos aspectos culturais desse povo como, por exemplo, a ausência da língua ladina, em contrapartida, os elementos culturais relacionados com a alimentação foram preservados e transmitidos.

Todos me olhando com ar de recriminação, como se tivesse cometido uma falta grave, se não mortal. Eu acuada, ouvindo-os, inconformados, falar entre si na língua que não falo. [...]. Meu avô precisou esquecer o passado e por isso nunca falou ladino com minha mãe. Um verdadeiro judeu não esquece o passado, retrucou, firme o Raphael avô. Talvez meu avô não fosse um verdadeiro judeu, pensei, sem dizer nada. [...]. Apesar desse incidente inicial, aos poucos fui percebendo afinidades entre nós. Quando disse que em casa fazíamos aquela mesma comida, o Raphael avô se soltou um pouco, sorriu pela primeira vez, feito pensasse que o passado não está só na língua (LEVY, 2013, p. 147-148).

Com essa passagem, fica ilustrado que a identidade cultural não está cristalizada em sua estruturação, ao contrário, encontra-se em processo de transformação e está aberta às interconexões de identidade, memória e tempo, ensejando que novas ressignificações sejam realizadas, caracterizando as transformações do processo identitário.

Nota-se que as palavras estrangeiro⁸ e judeu⁹ carregam em sua constituição muitos aspectos culturais que, ao simples fato de serem mencionadas, automaticamente já remetem, a quem ouve, informações adquiridas na esfera cultural que podem distinguir essas identidades com base em conhecimentos que foram transmitidos por diversas gerações e perduram na memória cultural dos contemporâneos.

Convém ressaltar que essa memória cultural ligada à tradição e à comunicação tem presença marcante no romance *A chave de casa*, no momento em que a narradora relata um ritual cerimonioso praticado pelo povo judeu e, conseqüentemente, por sua família. A memória cultural está centrada no rito de comer um pão seco e uma maçã com mel e nos segredos não compartilhados pelos familiares. Segredos que remetem às origens da família em Portugal, ao avô materno e sua história de amor na Turquia, às angústias da separação e de adaptação em um novo país, aos sofrimentos da mãe e do pai da narradora quando foram perseguidos pelo regime ditatorial brasileiro.

Nota-se uma transmissão consciente da tradição e ao mesmo tempo a presença das transferências inconscientes que se manifestam e se materializam no corpo doente da narradora. Portanto, a tradição incorpora elementos da comunicação cotidiana da família e, com isso, atribuem-se novos significados às comemorações e rituais praticados, conforme fica demonstrado no diálogo ficcional entre a narradora e sua mãe, já falecida.

8 Julia Kristeva realizou um estudo significativo para demonstrar a arqueologia cultural do estrangeiro no Ocidente, abrangendo a identidade do estrangeiro desde o mundo helenístico até a contemporaneidade, em seu livro *Estrangeiro para nós mesmos* (1994).

9 No livro *Os judeus e as palavras* (2015), Amós Oz e Fania Oz-Salzberger produziram uma narrativa com características essenciais da história do povo judeu, enfocando especificamente a relação dos judeus com as palavras.

Faltava verdade. Tudo não passava de uma grande encenação: éramos judeus um dia por ano. Festejávamos o ano-novo, mas para nós o ano só começava no dia primeiro de janeiro. O ano nunca começou em setembro ou outubro. Então, para que a celebração? Para que esse teatro para nós mesmos? [Não entendo por que dizer que não havia verdade. Deus não estava na mesa, concordo, foi a nossa escolha. Não era a religião o que nos importava, mas a tradição. Não queríamos simplesmente jogar na lata de lixo aquilo que nossos antepassados se esforçaram para guardar. O importante era manter a simbologia. Eu queria transmitir um pouquinho do que aprendi para os que vieram depois.] (LEVY, 2013, p. 122).

Evidencia-se que a mãe da protagonista está preocupada com a transmissão dos elementos que integram a tradição do povo judeu, mas também realiza adaptações ao contexto familiar, estabelecendo que o significado daquela cerimônia em torno da mesa não é uma manifestação exclusivamente religiosa, mas está ligada à cultura e à sua preservação, embora com readequações, tornando-se essencial para que se mantenham identificadas a seus ancestrais e aos primórdios da fundação identitária judaica. Por sua vez, a narradora/protagonista questiona a tradição e a incorporação desses elementos memoriais no cotidiano familiar, dizendo que o fato de repetirem os ritos não os torna judeus, é somente um ato mecânico que, no seu entender, não teria objetivo de existir, pois o passado precisa ser esquecido. “Se não esquecemos o passado não vivemos o presente. Você sabe, essa dor que sinto no corpo, os ombros pesados, é o passado não esquecido que carrego comigo” (LEVY, 2013, p. 123).

Ao mesmo tempo em que renega o passado, sente-se portadora do mesmo, integrante das diversas gerações que constituem a família, e nesse espaço de memória cultural é onde se manifesta a involuntariedade, pois não quer aliar-se à memória voluntária expressa por meio da tradição, ela irá escavar, remexer, reorganizar os sentimentos em torno de uma memória adormecida, em estado de latência a ser evidenciada e ressignificada no presente.

[É assim mesmo. A matzá serve para nos lembrar do passado sofrido. O pão seco fala da dor, da miséria. E a maçã com mel garante que não precisamos repetir o passado.] Se falamos do passado, então por que trago comigo seus silêncios? [Compreendo suas inquietações. Há muitas coisas que não foram ditas, e são elas que a ameaçam. O medo impediu a palavra, mas agora cabe a você, cabe aos que ficaram, contar a história, recontá-la. Cabe a você não repetir os mesmos erros, cabe a você falar em nome daqueles que se calaram.] (LEVY, 2013, 124).

O medo caracteriza-se como a madeleine de Marcel Proust¹⁰, pois é a partir desse sentimento que a narradora irá descortinar a memória cultural que envolve a trajetória de mobilidade, amores interrompidos, decepções, violência, morte, angústia, abandono e também de amor, companheirismo, amizades, gratidão, compaixão e laços consanguíneos de afetividades interrompidos com o passar do tempo. Ao evocar esse passado dos silêncios, a narradora ressignifica a memória cultural da tradição do povo judeu dentro do contexto familiar, revela informações ocultadas nos porões mais escuros da memória, incorporando-as à história de sua família, ao mesmo tempo em que revisita o sentimento de ligação com a ancestralidade. “Comecei a pensar que sim, havia sentido nessa viagem. O passado não era apenas do meu avô, não era apenas daqueles que tinham emigrado” (LEVY, 2013, p. 80).

10 Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust foi um escritor francês, mais conhecido pela sua obra *À la recherche du temps perdu*, publicada em sete volumes entre 1913 e 1927. Uma das passagens mais significativas da obra de Proust se refere à sensação experimentada a partir do paladar, pois é no momento em que um pedaço da madeline é embebido em uma xícara de chá, o narrador rememora momentos de sua infância, demonstrando o quanto a memória pode guardar emoções adormecidas, porém latentes nos indivíduos.

Salienta-se que nesse processo percorrido pela narradora de *A chave de casa* foram empregadas múltiplas memórias, pois a reconstrução dos acontecimentos no passado envolve o grupo familiar (mãe e avô materno), mas também tem ligação com a ancestralidade do povo judeu, além do seu passado recente de sofrimento e de dor.

Desse modo, mesclam-se interioridade, anterioridade e ancestralidade, pois “o que trago comigo sem escolha dói. Essa nossa conversa, mãe, também dói. A história de amor que me arrancou a carne dói. A história do meu avô, a sua história, a tortura, o exílio, tudo dói” (LEVY, 2013, p. 137). A narrativa é construída sob o prisma da dor, dor que envolve a interioridade, a anterioridade e a ancestralidade, pois as privações do presente se fazem sentir e trazem consigo reflexos de um passado com suas dificuldades e superações.

A narradora, como uma descendente de judeus não praticante da religião¹¹, mas que mantém certos atos cerimoniosos e ritualísticos característicos desse grupo cultural, algumas vezes questiona sua ligação com a ancestralidade judaica e, ao mesmo tempo, atribui esse sentimento ao fato do avô, logo que chegou ao Brasil, ter trocado o nome e buscado, no decorrer dos anos, apagar sua origem turca e judaica, conforme exemplificado nessa passagem do romance.

Se ele quisesse, poderia conservar seu nome, sua origem. Preferiu criar outros, dar um novo nome e uma nova origem à vida que o aguardava. Sentia que para recomeçar precisava de outra identidade. Se não deixasse para trás tudo o que havia sido seu até então, estaria para sempre amarrado ao passado (LEVY, 2013, p. 39).

Por esse motivo, o avô entrega a chave como símbolo dessa ancestralidade que tentou apagar ao ingressar no Brasil e oferece a possibilidade para que a neta (re)crie uma história que foi esquecida, negligenciada e, com isso, atribua sentidos às transformações ocorridas no grupo familiar. A neta se torna a responsável por reviver o passado adormecido dessa ancestralidade judaica presente na esfera familiar, e se caracteriza como capaz de (re)interpretar e (re)produzir significados para a realidade contemporânea; a ancestralidade “[...] ao mesmo tempo, é enigma-mistério e revelação-profecia. Indica e esconde caminhos” (OLIVEIRA, 2005, p. 17).

Portanto verifica-se que as identidades culturais assumidas pela protagonista estão diretamente relacionadas ao conceito de memória cultural, uma vez que elas se identificam como portadoras de características que remetem a determinado grupo e/ou sociedade (judeus e estrangeiros). Deixam transparecer em suas manifestações a memória cultural de que é portadora e está interligada com as implicações decorrentes do que é ser judeu e estrangeiro na contemporaneidade. Dessa forma, aproximam-se dos contextos de épocas anteriores e ultrapassam a esfera do coletivo e da comunicação oral para emergirem no contexto cultural.

Considerações finais

Cabe mencionar que interioridade, anterioridade e ancestralidade se interpenetram no decorrer do romance, pois a narradora está imbuída do desejo de buscar algumas explicações nas brechas que o

11 Mais especificações quanto à diferença entre judeidade e judaísmo podem ser verificadas no capítulo *Herança judaica e autoficção em Tatiana Salem Levy*, no livro *Mulheres ao espelho* (2013), de Eurídice Figueiredo. “A judeidade se distingue do judaísmo, que designa a religião; a judeidade tem mais a ver com as práticas culturais herdadas dos ancestrais, o respeito a alguns valores, tradições e instituições – como as festas religiosas – que até fazem parte da religião, mas que não são expressão de uma verdadeira religiosidade” (FIGUEIREDO, 2013, p. 181).

passado familiar oferece, respostas essas fragmentadas, incompletas, carregadas de vestígios e rastros que servem para uma reconstrução memorial familiar. Nessa busca por respostas, muitas vezes não têm o questionamento formulado de forma consciente, talvez por se sentir deslocada e ciente da necessidade de revisitar o passado como forma de entendimento para sua individualidade que demonstram o quanto a diversidade está presente nas suas ações e posicionamentos frente à vida.

À ancestralidade identificada no romance *A chave de casa* está relacionada à descendência do povo judeu, que culmina em uma narrativa cuja neta irá buscar no passado do avô materno informações para ressignificar esse tempo pretérito e atribuir sentido de pertencimento com a história dessa ancestralidade que ultrapassa a esfera da família e interliga-se à origem e surgimento desse povo.

Quando o indivíduo nasce, já está inserido em um contexto social e cultural que carrega informações da memória humana, sendo essa transmitida de geração a geração. Dessa forma, ao se perceber enquanto indivíduo em constante processo identitário, com uma subjetividade permeada pela sensibilidade de percepção e compreensão dos acontecimentos que o rodeiam, esse indivíduo irá negociar com as memórias da ancestralidade para delinear de forma clara e objetiva o seu pertencimento, a sua exclusão ou a recusa de pertencer a determinado grupo.

Verifica-se que por intermédio da literatura pode haver uma (re)leitura na memória cultural, chamando atenção para a maneira como as informações são acessadas e, ao mesmo tempo, trazer para o contexto discussões e debates a respeito de assuntos que estavam sendo relegados ao plano do esquecimento intencionalmente, pois como afirma Eurídice Figueiredo (2017, p. 43) “[...] só a literatura é capaz de recriar o ambiente de terror vivido por personagens afetados diretamente pela arbitrariedade”. As referências ao passado se concretizam de múltiplas formas, em diversos e diferentes momentos, apresentando-se como uma estrutura complexa que agrega “[...] superposições e entrecruzamentos nos diferentes planos da memória”, tais como nos textos literários (ASSMANN, 2011, p. 233).

Referências

- ASSMANN, A. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução de Paulo Soethe. Campinas (SP): Editora Unicamp, 2011.
- ASSMANN, A. Memory, individual and collective. In GOODIN, Robert Eduard; TILLY, Charles (ed.). **The oxford handbook of contextual political analysis**. New York: Oxford, 2011a. (volume 5). p. 210-224.
- ASSMANN, J. Collective Memory and Cultural Identity. **New German Critique**, n. 65, Cultural History/Cultural Studies (Spring - Summer, 1995), p. 125-133.
- ASSMANN, J. Communicative and cultural memory. In: ERLI, A.; NÜNNING, A. (Eds.). **Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook**. Berlin; New York: De Gruyter, 2008. p. 109-118.
- BERND, Z.; DUARTE, K. B. Da memória cultural à memória saturada: revisão dos conceitos na perspectiva de Régine Robin. In: BERND, Z.; GRAEBIN, C. M. G. (Orgs.). **Memória social: revisitando autores e conceitos**. Canoas (RS): Editora Unilasalle, 2018 (Série memória e patrimônio, 10). p. 39-54.
- BRUM, E. **Meus desacontecimentos** – a história da minha vida com as palavras. São Paulo: LeYa, 2014.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.

- DALCASTAGNÈ, R. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Vinhedo: Editora Horizonte / Rio de Janeiro: Editora Uerj, 2012.
- DALCASTAGNÈ, R.; LEAL, V. M. V. **Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre (RS): Zouk, 2015. (Estudos de Literaturas Contemporâneas).
- EVARISTO, C. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.
- FIGUEIREDO, E. **A literatura como arquivo da ditadura brasileira**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2017.
- FIGUEIREDO, E. **Mulheres ao espelho**: autobiografia, ficção, autoficção. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- FIGUEIREDO, E.; NORONHA, J. M. G. Identidade nacional e identidade cultural. In: FIGUEIREDO, E. (Org.). **Conceitos de literatura e cultura**. Niterói: EdUFF, Juiz de Fora: UFJF, 2005. p. 189-205.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banca de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994
- LEITE, M. C. S. Tradição e pós-modernidade. In: BERND, Z.; KAYSER, P. (Orgs.). **Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura**. 2.ed. Canoas (RS): Editora Unilasalle, 2017. p. 296-300.
- LEVY, T. S. **A chave de casa**. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- LISBOA, A. **Azul corvo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- MOSCOVICH, Ca. **Por que sou gorda, mamãe?** São Paulo: Record, 2006.
- OLIVEIRA, E. D. de. Filosofia da ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira. **Tese**. Doutorado em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará (UFC): Fortaleza, 2005.
- OZ, A. F. O-S. **Os judeus e as palavras**. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- PEREIRA, H. B. (Org.). **Novas leituras da ficção brasileira no século XXI**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.
- RESENDE, B. **Contemporâneos**: expressões da literatura brasileira no século XXI. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.
- SAAVEDRA, C. **Com armas sonolentas: um romance de formação**. São Paulo: Companhia das letras, 2018.
- SARLO, B. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SCHØLLHAMMER, K. E. **Ficção brasileira contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. (Coleção contemporânea: filosofia, literatura e artes).
- SILVEIRA, M. J. **A mãe da mãe da sua mãe e suas filhas**. São Paulo: Globo, 2002.
- SOARES, T. R. Memória geracional em narrativas contemporâneas: aproximações entre Michel Laub e Tatiana Salem Levy. In: OLIVEIRA, M. A. S. A. de; CURCINO, A.; COSTA, L. F. da; MAGALHÃES, F. (Coords.) **Ensaio sobre memória**. Volume 3. Instituto Politécnico de Leiria (Portugal), dez. 2020. Disponível em: <<https://www.ipleiria.pt/eseqs/wp-content/uploads/sites/15/2020/12/Livro-Volume-3-Ensaio-sobre-Memo%CC%81ria.pdf>>. Acesso em: jan. 2021.
- VARGAS LLOSA, M. **A civilização do espetáculo**: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Tradução Ivone Benedetti. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

VIDAL, P. **Mar azul**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

WIERZCHOWSKI, L. **Uma ponte para Terebin**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

Submetido em: 03.05.2021

Aceito em: 11.08.2021